

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 200	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	11 DE JULHO 1884	LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		

CHRONICA OCCIDENTAL

O cholera continua a dominar todas as preocupações da Europa.

Por toda a parte se estabelecem quarentenas, se adoptam medidas preventivas, rigorosa vigilância em materia de hygiene publica.

Entretanto a epidemia conserva-se ainda em Toulon e Marselha, e se ha motivo para todas estas precauções, o que não ha é para terrores, pois desde o primeiro dia até hoje, perto já d'um mez, não tem alterado a sua feição de benignidade, que ao principio a fez tomar pelo cholera sporadico, opinião que ainda hoje tem um proseyto, que é nem mais nem menos do que o celebre dr. Fauvel.

O dr. Proust e o dr. Brouadel, os dois mais notaveis medicos de Paris que foram a Toulon estudar o cholera, e que ao principio eram da opinião de Fauvel, combateram-n'a agora já vigorosamente na Academia de Medicina de Paris, pois encontraram segundo elles, no cholera de Toulon e Marselha, todos os caracteristicos do cholera asiatico, o cholera dramatico, como lhe chamam os chronistas parisienses.

Mas o dr. Fauvel continua a persistir na sua opinião e o nome illustre e a capacidade providissima do celebre medico, auctorisam ainda algumas duvidas sobre o asiaticismo ou sporadismo do cholera.

Seja como fôr porém, o que é certo, é que, ha um mez que já dura, o cholera não se tem alastrado pela Europa, nem mesmo pela França, e que mesmo em Toulon, e em Marselha, onde rebentou n'uma feira de mercadores fugidos d'aquella cidade não tem adiantado caminho, nem tomado incremento. Durante este mez a mortalidade de cholericos tem conservado a mesma media baixa, e tendo começado muito mais violentamente que o cholera de 1865 — o cholera cuja marcha se parece mais com a da actual epidemia — não tem feito os progressos rapidos que elle fez.

Esta benignidade relativa do cholera gangetico, tanto mais extraordi-

naria quanto as condições hygienicas de Toulon são deploraveis, e a estação que tem corrido alli extremamente quente favorece immenso o desenvolvimento da epidemia, é que tem originado todas as duvidas scientificas sobre o seu verdadeiro caracter.

Alguns medicos francezes mesmo tem chegado a emitir a hypothese da existencia d'um novo genero de cholera ainda não conhecido e estudado, em frente d'essa extranha epidemia de Toulon que fulmina como o cholera asiatico, e se localisa como o cholera sporadico; outros, entre elles

Bouchardt, attribuem a benignidade do cholera de Toulon ao elle ser o fim d'uma epidemia do Ganges, que chegou á Europa, já com a intensidade e as forças perdidas, outros, finalmente, julgam que a brandura do ataque provém dos recursos que a sciencia possui já para a combater, e das providencias geraes e particulares com que todos, governos e individuos, lhe tem feito face.

No momento de vermos as provas d'esta nossa chronica as noticias do cholera são um pouco mais graves. Os numeros de casos fataes em Toulon e em Marselha subiram de repente, mas estão

ainda muito longe, graças a Deus, do numero maximo da epidemia de 1865 que foi de 60: e em dois pontos d'Italia, em Verona e Saluzzo appareceram alguns casos de cholera, o que no fim de tudo não tem grande gravidade se se tomarem providencias energicas, pois esses casos deram-se em pessoas fugidas de Toulon, e que portanto levavam já consigo o germen do cholera.

Nada d'isto pois deve levar o terror aos espiritos, tanto mais que de todos os lados surgem receitas mais ou menos garantidas contra o terrivel mal gangetico, e preservativos, que tem a proconisal-os a auctoridade de medicos immittentes e a experiencia feliz de varias epidemias.

A frente d'esses preservativos está, como já na nossa ultima chronica dissemos, e que nunca será demais repetido, a hygiene rigorosa e a absoluta tranquillidade de espirito.

Nada ha peor nas epidemias que o terror, é elle que tantas vezes faz mais mortes que o proprio mal.

Conta-se que n'uma das ultimas epidemias de cholera que atravessaram a França, apostou alguém com um homem timorato, mas ambicioso, uma quantia avultada de francos em como elle não era capaz de se deitar n'um leito, em que tivesse morrido um cholericico.

A ambição venceu o medo e o homem accetou a aposta.

Levaram-n'o a uma casa e metteram-n'o n'um leito onde lhe disseram que tinha morrido um cholericico.

D'alli a duas horas o homem estava morto.

E entretanto n'esse



O CONSELHEIRO JOSÉ THOMAZ NABUCO DE ARAUJO

leito não morrera nem estivera nenhum cholérico. Quem matára o pobre homem não fôra o contagio, não fôra o cholera, fôra simplesmente — o terror!

Entre os povos incultos comprehende-se esse terror, entre os povos civilizados é imbecil esse medo defronte d'um mal conhecido, estudado, e que a sciencia tem meios energicos de combater e anniquillar.

Além d'isso, nós felizmente estamos longe do terrivel flagello e temos a guardar-nos a Hespanha que tem posto em acção todos os mais energicos meios de defeza contra o contagio.

Já por vezes, e ainda ha bem poucos annos, o cholera tem andado pela Europa sem nos visitar.

Ha dez annos, esteve em Hespanha, chegou mesmo a Elvas, mas parou ahi e o resto do paiz ficou incolume.

Temos portanto todas as rasões para estarmos perfeitamente tranquilos, e devemos lembrar-nos sempre, que ha uma coisa peor do que o cholera asiatico — é o medo.

E a este respeito uma pequena lenda oriental que é de profunda verdade e de utilidade enorme para toda a gente.

Contam os orientaes que um turco voltando uma vez para Smyrna, sua terra natal, foi surprehendido no meio da estrada por um extranho companheiro de viagem que seguia o mesmo caminho.

Esse viajante era o Cholera.

O turco ficou apavorado, lançou-se de joelhos aos pés do cholera e perguntou-lhe tremendo:

— Para onde vaes tu, Cholera?

— Vou para Smyrna, respondeu-lhe o flagello um pouco condóido do pavor do pobre diabo. Queres-me alguma coisa?

— Quero fazer-te um pedido.

— Dize.

— É que me poupes a mim e a minha familia, e aos meus amigos, e que não faças muita mortandade entre os meus compatriotas.

— Descansa, poupar-te-hei a ti e aos teus, e não farei mais de duas mil mortes em Smyrna.

— Duas mil?

— Duas mil, nem uma de mais nem uma de menos.

E o Cholera continuou velozmente o seu caminho, tão velozmente que quando o turco chegou a Smyrna, o terror e a morte imperavam já na população.

Passaram-se dias e dias e uma bella manhã o turco soube que a mortalidade passára de dois mil. Ficou espantado.

— Então o Cholera faltou-me á sua palavra?

Já lá vão mais de duas mil pessoas!

E d'alli a dias, tres mil, quatro mil, e finalmente quando a epidemia terminou eram mais de cinco mil os mortos.

D'alli a tempos, na mesma estrada, o turco tornou a encontrar-se com o sinistro viajante, o Cholera.

— Ouve lá, increpa-o elle ousadamente, então tu da outra vez enganaste-me.

— Eu? Como?

— Prometteste-me matar só duas mil pessoas em Smyrna, e mataste cinco mil. Faltaste á tua promessa.

— Não faltei, eu matei apenas duas mil pessoas, nem uma de menos, nem uma de mais.

— Mas então as outras?

— Não fui eu que as matei.

— Quem foi então?

— O Medo.

No dia 9 partiu para o Brazil um dos actores que mais sympathias conta em Lisboa, no theatro e na sociedade — o actor Silva Pereira.

Essas sympathias geraes vem-lhe d'elle ser um actor engraçado, jovial, intelligente, e ao mesmo tempo um bom companheiro, um cavaqueador alegre, e um caracter leal e honrado.

Silva Pereira esteve muitos annos no Brazil onde ganhou dinheiro, applausos e sympathias.

Levára de Lisboa um nome já festejado como actor comico. O seu bom humor, a sua graça especial, tinham feito no velho Gymnasio um verdadeiro successo a duas comedias n'um acto — o *Rosario*, *Batina e Chambre*, e as *Tribulações de Mané Coco*.

N'essas comedias Silva Pereira era impagavel, e apesar de já sobre ellas terem passado um bom par de annos, quem as viu lembra-se ainda do tom excêntrico e comico com que Silva Pereira dizia — *É tinta! tinta! É tinta!*

O bom nome que de Lisboa levava para o Brazil o distincto actor soube conservá-lo por lá e engrandecel-o, e quando ha tres annos regressou a Lisboa, depois de longa ausencia, a sua estreia na Trindade com o *Piperlin* foi um completo

successo, e a comedia de Raymond e Burani, uma comedia-buffa perigosissima pelas suas escabridades, agradou immenso e fez uma brilhante carreira na Trindade, um theatro de operetta, onde as comedias em prosa tem de ordinario, mesmo as melhores, curta e desastrosa vida.

O publico ficou contentissimo n'essa primeira noite do *Piperlin* porque rehouvera o engraçado actor que tanto o fizera rir ha quinze annos.

E, phenomeno singular, o publico que tinha ainda vivas as recordações d'esse tempo do Gymnasio sentia-se já velho, e Silva Pereira estava na mesma, pelo contrario, remoçára, os annos parecia que não tinham passado por elle, e d'ahi surgiu a lenda divertida da idade de Silva Pereira, lenda que elle aproveitou para agora fazer as suas despedidas a Lisboa, n'esse mesmo theatro da Trindade, e com a mesma peça do seu debute, o *Piperlin*.

Essa despedida de Silva Pereira foi uma noite de enchente, de festa e de alegria no theatro da Trindade, tanto mais que não tinha a annueal-a as saudades do adeus.

Silva Pereira não disse n'essa noite *adeus* ao publico, disse-lhe simplesmente *até já*.

Ante-hontem embarcou para o Brazil, e d'aqui a tres mezes desembarcará outra vez em Lisboa.

Não foi uma ida para o Brazil, foi uma ida ao Brazil, um passeio de uma duzia de semanas, e d'aqui a pouco tel-o-hemos outra vez em Lisboa com a sua alegria expansiva, no theatro de D. Maria, com a sua veia engraçada e eternamente jovial.

E nós, que por um engano de horas, não pudemos ir a bordo dar-lhe o aperto de mão da despedida, esperamos, em breve, mais felizes, e mais contentes, ir dar-lhe o abraço do *bienvenue* e os parabens dos successos alcançados.

Gervasio Lobato.

O NOSSO SUPPLEMENTO

OS BOIS

Quadro de Silva Porto

O quadro que hoje publicamos em supplemento é um dos que, mais vantajosamente, figuraram na ultima exposição denominada do *Grupo do Leão*.

O nosso estimavel collaborador, o sr. Monteiro Ramalho, já em um artigo «Terceiro Salão» publicado em o n.º 185 do OCCIDENTE, fez a apreciação d'esta notavel obra de arte, e isso nos dispensa de hoje fazermos a critica d'este quadro que foi, em todo o caso, mais uma affirmação do talento de Silva Porto, como pintor animalista, genero em que não é inferior ás suas bellas paisagens.

Este quadro foi adquirido na referida exposição pelo ex.^{mo} sr. dr. Luiz Jardim pela somma de 500\$000 réis, o que já é um bonito preço para um quadro portuguez vendido em o nosso pequeno mercado de arte, se attendermos a que a maioria dos compradores, o maximo a que chega no seu culto pela arte, é á liberalidade de comprar qualquer oleographia barata para adorno das suas salas, em que não regatearam o custo dos moveis e dos estofos.

É por isto que cabe muito louvor ao sr. dr. Jardim, não só por animar a arte nacional, comprando quadros d'este preço, mas porque rompendo com a tradição mesquinha d'este pequeno meio artistico, abre um exemplo digno de ser imitado por todos aquelles, que podem e devem concorrer para o desenvolvimento das artes do seu paiz.

AS NOSSAS GRAVURAS

ERMIDA DE S. BRAZ, EM EVORA

Quem bem olhar para a gravura que hoje apresentamos, ficará admirado da belleza do edificio que ella reproduz, de cujo estylo restam poucos exemplares em Portugal.

É um dos poucos monumentos do nosso paiz, onde as adulterações pouco tem estragado o primitivo caracter e estylo. Com pouco trabalho e dispendio e muito gosto é facilima a restauração d'este bello monumento, digno de estudo.

Era em 1482, a peste invadia o paiz e a cidade de Evora, que no reinado de D. João II tantas vezes serviu de côrte, soffria grandemente. Formaram-se varios hospitaes para tratamento dos in-

festados, que hoje chamariamos hospitaes-barracas, e um d'elles sob a invocação de S. Braz; os habitantes fizeram logo voto de elevarem uma capella ou egreja áquelle santo, se a epidemia se dissipasse. Não esperaram por isso, e logo resolveram fundar a capella, constando do compromisso da respectiva irmandade, que apenas começou a obra cessára a peste.

Concluida a capella celebrou-se uma grande festa, e d'ahi em diante todos os annos se fazia uma festividade no dia do santo, a que assistia a camara, o cabido e grande quantidade de gente da cidade e arredores.

A capella está completamente isolada no meio de uma planicie d'onde, apesar d'isso, se descobre um vasto panorama.

MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. JOÃO V

Os exemplares que hoje apresentamos são os das moedas de cobre retiradas da circulação, e que se cunharam no reinado de D. João V.

Como se vê, ha dois typos de moedas de trez réis, um tendo no anverso apenas a corôa real e por baixo as iniciaes J. V cercadas pela legenda D. G. PORT. ET ALG. REX, e no reverso ao centro III, cercado por uma grinalda circular, á volta da qual se lê no alto a data * 1712 * e no restante da superficie do circulo VTI LITATI * PVBLICÆ; e o outro tendo no anverso o escudo e corôa real cercado pela legenda JOANNES * V * DEI * GRATIA, e no reverso a indicação * III * tendo por baixo a data — 1792 — cercada por uma grinalda, e á volta a legenda * PORTUGALLIE * ET * ALGARBIORUM REX.

A moeda de dez réis é similhante aos dois typos acima descriptos, como se vê na gravura, e a de cinco réis é similhante ao primeiro typo da de trez réis, acima indicado.

No livro do sr. Aragão, *Descripção geral e historia das moedas*, etc, encontram-se as circumstancias relativas a estas moedas sufficientemente declaradas.

O Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo

Em curto espaço de tempo tem o Brasil perdido quatro de seus mais illustres e prestantes filhos, uns após outros em rapida successão tem deixado a terra para eternamente viverem no pantheon da historia brasileira: — Zacharias de Góes e Vasconcellos, o estudioso e brilhante chefe da opposição, o energico presidente do conselho de ministros; Sousa Franco, o prudente financeiro, o illustre chefe do partido liberal, que em 1850, em unidade contra toda a camara conservadora, luctou sempre dia a dia sem fraquejar, alcançando não poucas vezes a victoria, e sempre a admiração do Brazil inteiro; Visconde do Rio Branco, aquelle que assignou a lei que acaba a escravidão no Brasil; José Thomaz Nabuco de Araujo, do qual hoje me occupo, um dos mais formosos espiritos d'entre os que luctaram desde os primeiros annos da independencia do Brasil, pelo seu engrandecimento.

Nascido na Bahia a 14 de agosto de 1813, tendo por paes o senador José Thomaz Nabuco de Araujo e D. Maria Barbara Ferreira Nabuco, desde os primeiros annos mostrou excepcional talento e vontade de saber. Dotado de espirito atilado e perseverante applicação, ainda em verdes annos se occupava de sérios assumptos, e especialmente se deixava impressionar pela politica do Brasil então tão revolta, estudando as sciencias e ao mesmo tempo observando os factos e os homens do seu paiz.

Em 1831 matriculou-se na Academia de Direito de Pernambuco, e o seu brilhante talento cedo lhe fez assumir uma notavel posição entre Ferraz e Cansansão, tambem então estudantes, os quaes, como elle, tão alto se tem elevado na historia politica do seu paiz. A estes tres talentos não poderiam bastar as luctas socegadas dos bancos academicos, n'essa epocha em que o Brasil se debatia, entre as difficuldades do seu nascer como nação, e do mau estado da sua organização e de suas finanças, e tinha ao mesmo tempo que debellar as opposições, e conluios que lhe apresentavam os partidarios do antigo systema colonial, auxiliados e robustecidos pelas luctas provinciales, essa atmosphera cheia de luctas, perigos e victorias os inebriou e successivamente collaboraram elles no *Echo de Olinda* em 1831, no *Velho de 1817* em 1833, no *Aristarcho* em 1834. Os escriptos de Nabuco, cheios de vigor e observação, prophetisavam já o jornalista que em 1844 e 1849, epochas

tão cheias de terrores para Pernambuco, tão energeticamente havia de defender as idéas conservadoras.

Alcançada a formatura em direito em 1835, pouco depois foi despachado promotor publico do Recife, logar que occupou até janeiro de 1841, epocha em que foi nomeado juiz de direito de Pau do Alho, na mesma provincia de Pernambuco.

Tinha elle chegado aos 30 annos de sua idade e nos ultimos seis annos no silencio do gabinete, cercado de seus constantes amigos, os livros, ou no jury arcando contra os criminosos, ou nas reuniões populares defendendo os principios do seu credo politico, alcançara elle não só a grande copia de conhecimentos que depois revelou na redacção do codigo que confeccionou, como a facil, clara e methodica elocução que se notava em seus discursos, foi então, n'essa epocha em que os ministerios se succediam rapidamente, em que as luctas da eloquencia nos comicios, e as das armas nas praças e nas ruas punham a cada momento em perigo as nossas recentes instituições, que elle se habilitava, preparado com os estudos necessarios ao publicista e ao politico, para o elevado logar que occupou na assembléa geral de deputados, logar a que o elevaram, não os votos da sua provincia natal, mas sim os da provincia de Pernambuco, onde fizera a sua aprendizagem politica, onde adquirira o renome que já então o illustrava. Este logar, que tão justa quão nobremente alcançou, quasi ininterruptamente o conservou.

Em 1842 foi removido da comarca de Pau do Alho para a do Recife, e depois para a do Assú em 1847, de onde de novo foi transferido para a vara do Recife em 1849.

Os dois annos que estivera ausente do Recife como juiz de direito, não se querendo sujeitar á remoção, que reputava injusta, os empregou na advocacia, na qual um bem merecido conceito o illustrou; acompanhou-o a estima e elevado conceito que o juiz grangeára pela sua rectidão e justiça, augmentado ainda pelas provas de dedicação e desinteresse que dava aos seus clientes.

De 1850 em diante começa para o conselheiro Nabuco um novo periodo, talvez o mais brilhante de sua historia.

Tendo sempre sustentado a incompatibilidade das funcções de magistrado com as funcções politicas de origem electiva, conseguiu elle a sua aposentadoria com as honras de desembargador, e de então em diante a vida politica o occupou absolutamente.

Os seus discursos, opulentos de galas oratorias, elegantes e correctos na fórma, irresistíveis na logica argumentação, a influencia que tinha entre os seus collegas, são, a par dos seus trabalhos nas commissões em que funcionou, provas sobejas da importancia que tinha adquirido na esphera politica.

Em um d'esses ministerios em que serviu, se occupou elle como membro de uma commissão, dos regulamentos necessarios á execucao do codigo de commercio, e foi tambem o auctor do regulamento das correições, trabalhos estes que mereceram geral applauso.

A importancia a que chegára Nabuco n'aquella phase da historia politica do Brasil, o chamaram aos mais altos cargos administrativos; assim em 1851 a provincia de S. Paulo, não só pela sua importancia, mas como sendo aquella em que as paixões politicas mais se accentuavam, em que nomes mais notaveis guiavam os partidos, pedia um administrador que, á conhecida e provada illustração e conhecimento dos negocios publicos, unisse a firmeza de caracter e espirito conciliador, um nome finalmente por todos respeitado, foi o conselheiro Nabuco o escolhido para tal cargo.

Em 1853 o notavel estadista Honorio Hermeto Carneiro Leão, que ia personificar uma transição politica, cujo programma se resumia na palavra *Conciliação*, formando ministerio chamou o deputado por Pernambuco para a pasta dos negocios da justiça.

N'este ministerio, que durou quatro annos, mostrou elle bem para quanto prestam o estudo e o methodo n'elle empregado: não havia materia sobre a qual este estudioso estadista não tivesse feito as suas annotações, colligidas alphabeticamente, de modo que de prompto em um lançar de olhos sobre aquelle, podemos dizel-o, seu indice de materias, sabia as fontes em que as devia ir estudar, os auctores que as tinham commentado. Este estudo de gabinete traduziu-se em trabalhos uteis ao paiz, como foram todos os referentes a regular a administração da justiça, não só na reforma policial e criminal, como sobre a legislação hypothecaria, tão ligada á possibilidade do credito territorial.

A importancia, o valor que tinha para o paiz o

conselheiro Nabuco, já firmado pela maneira que administrara diferentes provincias, ainda mais se consolidou com a sua estada no ministerio, e o visconde de Abaeté sendo em 1860 encarregado da formação de um novo ministerio, não quiz dispensar o concurso de tão prestante parlamentar. Nabuco, que havia pouco tinha sido apresentado na lista triplice para senador, sendo o escolhido não obstante occupar o seu nome o terceiro logar, não pode escusar-se a este honroso convite que para elle importava um grave sacrificio, pois que sendo um dos mais respeitadas advogados do Rio de Janeiro, o novo e elevado logar a que era chamado, não lhe accrescentando honra nem augmentando o renome adquirido, lhe trazia grave detrimento a seus interesses.

Este seu ministerio não foi tão longo como o primeiro, sabindo d'elle não por lhe faltar a confiança da corôa ou o apoio das camaras, mas porque reconhecera que não era possivel o haver entre elle e alguns de seus collegas a solidariedade necessaria em um ministerio forte.

O conceito que então gosava o cavalheiro de quem me occupo, não só como um dos mais abalizados juriconsultos brasileiros, mas tambem como um dos seus mais notaveis estadistas, fez que por diversas vezes lhe fossem propostas combinações em que o seu nome entrava nas listas senatoriaes, elle porém as recusou pois só queria ser apresentado pela sua provincia natal, e por isso, quando nos ministerios, apresentando-se vagas em diferentes provincias, e sendo de praxe consuetudinaria o entrarem n'ella os ministros quando ainda não tem assento no senado, não obstante a grande probabilidade que tinha de occupando o logar de ministro chamar maior numero de votos, nunca se quiz apresentar candidato, fazendo-o porém quando fóra do ministerio em 1858, pela provincia do seu nascimento, honrando-a por esta fórma e sendo por ella honrado pela maneira porque foi por ella acceto.

Corria o anno de 1865, estava encetada a cruenta guerra do Paraguay, cahira o brilhante ministerio presidido pelo conselheiro Furtado que a seu apello fizera acudir 35 mil voluntarios para defender o Brazil: n'estas difficeis circumstancias foi Nabuco convidado a organizar ministerio, recusou esta honra, entrando porém para a pasta da justiça no ministerio de 12 de maio presidido pelo marquez de Olinda, e escusado é o fazer sentir de quanto valor foi elle para este ministerio.

No senado não deixou esfriar o interesse que lhe mereciam os negocios publicos. O seu salão era o ponto de reunião dos politicos ao mesmo tempo que um logar atrahente pelas maneiras delicadas de sua esposa a ex.^{ma} sr.^a D. Anna Benigna Barreto Nabuco e de suas filhas e filhos.

Foi em sua casa em 21 de julho de 1868 que teve logar a grande reunião dos liberaes historicos e progressistas e a sua fusão em um só partido, sendo resolvida a opposição ao ministerio conservador presidido pelo visconde de Itaborahy.

D'esta epocha em diante a sua vida decorria entre os trabalhos de eminente e procurado advogado, e aquelles da organização do codigo civil que contratára com o governo; a morte porém o surpreendeu ainda quando bastante faltava para conclusão da obra, pois que aquelle espirito claro e incansavel ao mesmo tempo que trabalhava na redacção do codigo, escrevia o commentario d'elle, o que duplicava o trabalho que o fazia avergar. D'aquelle trabalho a parte introducional assim como a primeira parte especial foi por sua familia entregue ao governo.

A inexoravel morte prostrou-o quando ainda com 65 annos promettia continuar a servir e illustrar a patria que o queria como um de seus mais illustres filhos, como um dos que consolidaram a obra da independencia patria, e deram ao Brazil o bom nome que tem entre as nações civilizadas do novo assim como do velho mundo e a importancia que começa a gosar entre as nações poderosas do globo.

Barão do Marajó.

MULHERES GREGAS

ASPASIA, SAPPHO, ERINNA, MYRO, TELESILLA, MYRTIS, NOSSIS, ANYTE, PRAXILA, CORINNA, ANAGALLIS, ARETA, HYPATIA, ELARA, PAMPHILE, ANNA COMNENA, EUDOXIA, IRENE.

(Continuado do n.º 199)

Que a mulher que escreveu este modelo da ode erotica trepasse o promontorio de Leucade e puzesse termo á vida para achar na morte um refu-

gio contra os devaneios do coração, cousa é não difficil de crer. Atheneu, util conservador de uma infinidade de thesouros antigos, inseriu nos seus *Deipnosophistas* outra ode, não tão conhecida nem tão frisanse como a precedente, mas digna de estudo. Fel-a Sappho quando Phaon, menos sensível ao prestigio da poesia do que aos encantos de uma joven beldade, a abandonou cruelmente. Byron e Burns encontraram no mesmo assumpto inspirações magnificas.

Volúvel deusa, immorredoura Venus,
Filha de Jove astuciosa, attende!
Do peito meu, ó veneranda, afasta
Penas, tormentos,
Vem cá! outr'ora, quando os doces carmes
De amor cantava (meu labor constante),
Para os ouvidos, de teu pae deixavas
Célica estancia.
De negras pennas o formoso grupo
As bastas azas pelo ar volteando
Teu carro traz e ao sitio onde eu demoro
Rápido desce.
Páras, e então, ó mãe de mil venturas,
Doce sorriso te illumina as faces.
«Que tens? me dizes; que pesar te obriga
«A invocar-me?»
«Que mais agrada a tua inquieta mente?
«A quem pretendes enredar agora
«De amor nos laços, ou que peito duro
«Maltracta a Sappho?»
«Foge-te agora? ha de buscar-te em breve.
«Teus dons recusa? ha de ofertar-l'os elle.
«E surdo a amor? pois ha de o amor vencer-o,
«Mas tu não queiras.»
Vem tambem hoje e de afflictivas penas
Livra-me, ó deusa! O que minha alma aneia
Tu mesma o cumpre, e aos meus ardentés rogos
Prestes acode.

O fim d'essa vida, sacrificada no altar da deusa que a poetiza invocava, foi o desenlace natural de tão apaixonado drama. Quem não conhece a historia do infiel e fugitivo Phaon e do promontorio de Leucade? É uma rocha branca e escalvada, uma das mais horriveis da Acarnania. Forma a ponta da ilha de Santa Maura, e, quando se navega pelo mar Jonico, distingue-se de longe no horizonte. Esse promontorio dos amantes deu lugar a infinitas historias, que Phocib colligiou, e que são tão romanticas como engraçadas. As ondas de Leucade, a darmos credito ao que dizem os historiadores, tragaram muitos mais homens do que mulheres; Sappho foi a primeira que usou de tão violento remedio contra os percalços de amor.

Teve ella uma amiga; essa amiga era sua rival. Erinna, nomeada por seus versos heroicos e pelo laconismo da sua poesia, só nos deixou dous ou tres fragmentos, ou antes algumas palavras dispersas nas obras dos grammaticos e dos escoliastes. Chamavam-lhe por antonomasia: *a de poucas palavras*. Tambem era de Lesbos como Sappho. Atribuem-lhe uma má ode intitulada *Roma*, da qual Grocio quiz fazer uma ode ao *Valor*. O estylo e a poesia d'esse trecho pertencem a uma epocha mais moderna. A Anthologia, que conservou alguns epigrammas d'esta poetiza, compara-a com Homero e Pindaro. Suidas prodigalizou-lhe largos elogios. Aos dezoito annos já era celebre. Taes são as recordações e os escassos documentos que a historia nos deixou a seu respeito. Para nós não é mais do que um nome.

Um seculo depois, nasceu Telesilla em Argos. Alli contemplou Pausanias a sua estatua, que descreve com talento Pinta-a de pé, com o capacete na mão, em ademan de o pôr na cabeça, e postos os olhos nos volumes de poesias espalhados a seus pés. Esta mulher, émula de Tyrteu, não era sómente uma poetiza, senão que uma heroína guerreira e religiosa, a Joanna d'Arc do seu tempo. Muller, Mitford em vão põem em duvida as suas façanhas; a nós agradam-nos, e apegamo-nos a uma crença que nos é sympathica. Quando o feroz Cleomenes, á frente dos seus verdugos lacedemonios, derramou o sangue de Argos nas ruas da cidade, Telesilla, conta-se, excitou as mulheres á vingança da patria, e viram-se fugir os sicarios ante um tropel de escravos, de fracas mulheres e de anciãos. Os povos nunca devem abrogar tão bellas tradições. Em quanto aos dous ou tres auctores allemães que atacaram aquella narração, só diremos que não nos espanta. Os allemães tem como regra geral pensar como ninguém e estabelecer um scepticismo universal. Procuram a verdade no fundo do poço que a encerra; mas tão longe a buscam, cavam com tanta obstinação e perseverança aquellas profundidades tenebrosas, que quasi sempre ella se lhes escapa. No seu desdem pelas opiniões vulgares, abraçam idéas raras, insolitas, extravagantes, que apoiam com toda a auctoridade da metaphysica, conjuram com a erudição. Negar-lhes todo o merito seria injusto; entregarm'os-nos implicitamente ás suas theorias, seria perigoso.

(Continúa)

Francisco d'Almeida.



ERMIDA DE S. BRAZ, EM EVORA (Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia de Laurent)

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA OFFICIAL

O OCCIDENTE já publicou a gravura do pavilhão levantado no parque da Ajuda para as installações que representam as *Mattas nacionaes*, a *Quinta Regional de Cintra*, e o *Instituto Geral de Agricultura*.

Corre-nos portanto a obrigação de, por nosso turno, dar á Exposição agrícola official o modesto tributo de nossa palavra.

A homenagem de consideração, que n'ella traduzimos, tanto é sentida no intimo das nossas profundas convicções relativamente ao alto serviço economico revelado na mesma exposição, quanto realçada pelo quadro que lhe fórma esta publicação toda portuguez e que mais estimamos pelos seus intuitos artisticos.

Crêmos bem que ao transpor o portico do Pavilhão de que tratamos, não houve ainda visitante que não sentisse uma d'estas impressões em que a curiosidade dá immediatamente logar ao desejo de comprehender toda a utilidade e todos os serviços de cada um dos objectos expostos, e de encontrar afinal, na ligação de todos, a significação real e palpavel dos seus merecimentos, que um e outro, porventura mais conhecido, desde logo portanto mais eloquentemente accentuam.

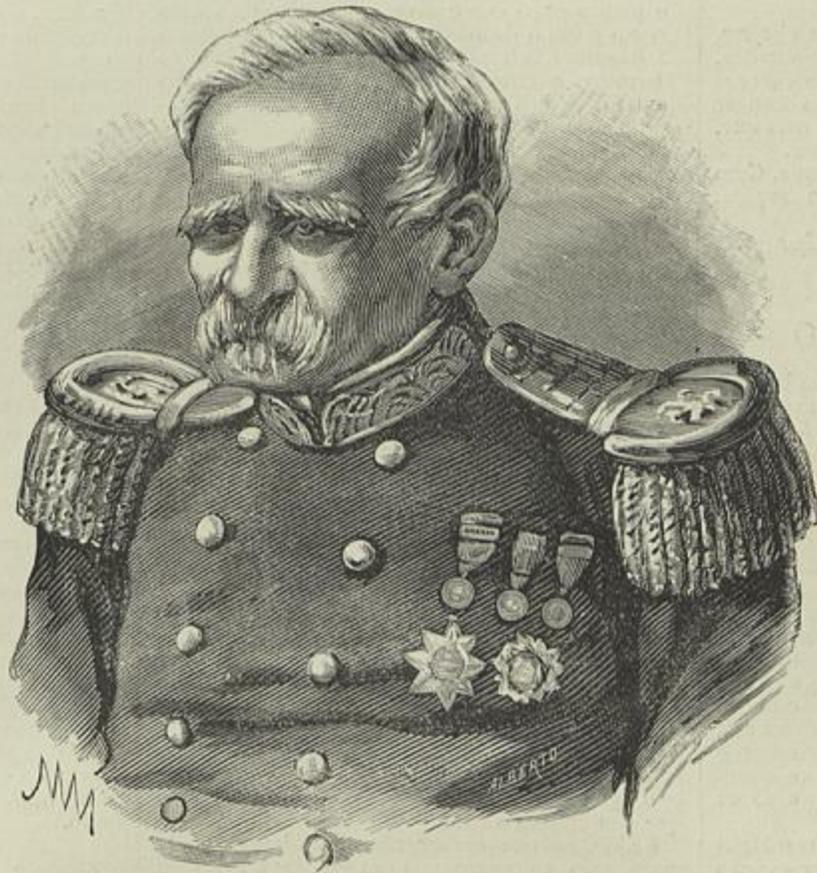
O grande merecimento e a excellencia do methodo seguido na installação d'esta exposição affirmam se mais n'esta impressão geral que causa, do que em quaesquer palavras encomiasticas e banaes.

Com ella se impõe a todos a necessidade e o valor do conhecimento das causas uteis pelo estudo que eleva, engradece e aprimora o espirito do homem.

As legiões do progresso andam enteadadas á ancía do saber. A humanidade é o diamante enorme rolado na alluvião dos seculos, mas escuro e triste em quanto d'elle, a multiplicidade das facetas, não consegue fazer irradiar a luz poderosa bastante para fundir as algemas do Promotheo.

AS MATTAS NACIONAES

O terreno, que chamamos social, é uma conquista feita a fogo e a ferro sobre o terreno que



O GENERAL JOÃO MARIA FEIJÓ (Segundo uma photographia)

as florestas revestiam. A utilidade d'ellas, porém, é de tal ordem, que os trabalhos para a conservação das existentes, reconstituição das que estão decadentes, ou formação de outras nos logares em que só com ellas podemos combater ou attenuar a energia devastadora de outras forças naturaes, são hoje uma ordem scientifica na boa administração dos interesses publicos.

Comprehende-se portanto desde logo quão regrada deve ser a exploração das florestas, para que, revestindo sempre o terreno nos pontos necessarios, ellas possam fornecer materiaes de construcção ás edificações urbanas e rusticas, á viação accelerada, aos estaleiros, etc. Comprehen-

central em relação á exposição das mattas nacionaes.

Completando-a, podemos notar a collecção de cartas topographicas das differentes divisões florestaes em que está dividido o paiz, e os inventarios d'agumas propriedades n'ellas comprehendidas.

Nas cartas que mostram a distribuição das essencias florestaes, vemos mencionada a existencia do carvalho roble, do sobro, do azinheiro, do carvalho negral, do carvalho portuguez, do pinheiro manso, do pinheiro bravo, do castanheiro, e da alfarrobeira.

A flora florestal do paiz está estudada em dois

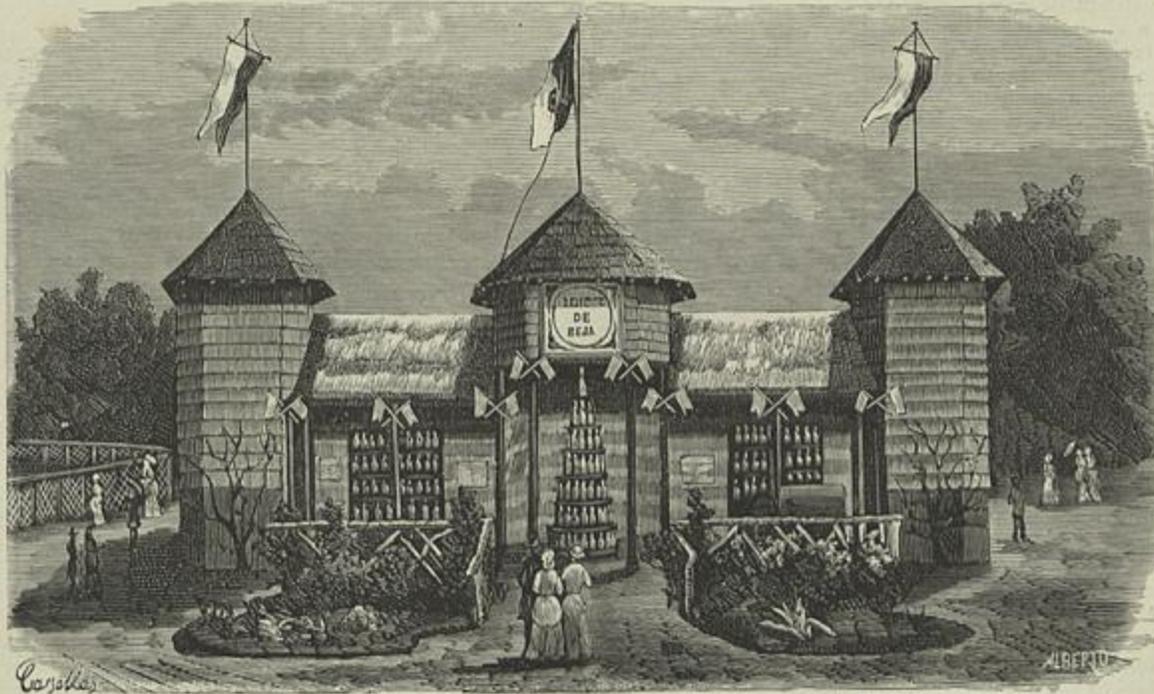
de-se ainda que não póde alcançar-se semelhante resultado sem o mais completo conhecimento do que constitue propriamente a vida florestal de cada uma das essencias, mormente se, como succede entre nós, a mais de uma fôr propicio o clima, e adequado o solo.

A exposição das mattas nacionaes, pondo em evidencia a circumstancia apontada, revela comtudo a importancia que tem, mesmo como cultura industrial, a essencia resinosa — o pinheiro bravo.

O grupo central da exposição das mattas formado pelo tronco de um pinheiro no qual está figurada a operação da geminação permite-nos observar o crescimento d'esta essencia florestal, nos differentes discos dispostos em ordem a formarem a base do mesmo grupo. Os productos commerciaes que a completam e taes como a resina amarella, o pez louro, a essencia de terebenthina, e as bitolas das madeiras cabalmente attestam o valor industrial da exploração do pinheiro.

O estudo dos insectos parasitas d'esta mesma essencia florestal entra no grupo de trabalhos com que se tem desempenhado da sua missão de agronomo-selvicultor o sr. Luiz Pimentel

As madeiras indigenas e exoticas naturalizadas, representadas em amostras que permitem apreciar as dimensões, a côr, a contextura das differentes essencias, bem como alguns artefactos com ellas fabricados, a sua utilidade e o seu valor, formam a ornamentação em torno do perimetro d'esta parte do pavilhão, ou estão dispostas em *étagères* no espaço comprehendido entre o portico, e o grupo que considerámos



EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — PAVILHÃO DO DISTRICTO DE BEJA

herbarios, um colleccionado pelo engenheiro o sr. Barros Gomes, e pelo sr. A. R. da Cunha, outro, o da matta do Bussaco pelo conductor florestal o sr. Francisco Loureiro.

N'estes trabalhos importantes e difficeis houve, além do valioso serviço dos nomes já apontados, e como aliás quasi sempre succede, collaboradores na classificação, que bem quizeramos indicar agora para não praticar uma injustiça, mas que, mau grado nosso não podemos mencionar.

A culpa toda é da sua propria modestia. Com ella nos absolvemos tambem da omissão forçada.

(Continua)

F. Julio Borges.

JOÃO MARIA FEIJÓO

A 4 do corrente deixava de existir um homem cuja actividade era tamanha, que, ainda nos ultimos annos da vida, o não podia afazer á idéa de ter que se reformar, e passar a um devido repouso, não obstante a sua qualidade de octogenario.

Os homens que hoje tem cincoenta annos, ainda se podem recordar da personalidade distincta de João Maria Feijóo, cujo passo rapido, leve e nervoso era notado, quando atravessava a cidade, para cumprir os seus multiplices deveres.

Nasceu em Belem a 24 de junho de 1801, e frequentou com a maior distincção a antiga academia de fortificação de artilheria e desenho, obtendo o primeiro premio em todos os annos do curso. Em 1827 a 9 de setembro entrou na marinha real como aspirante a piloto, mas não lhe soffrendo o seu espirito levantado tão modesta carreira, abandonou-a antes de dois annos em 1829 a 23 de junho.

Liberal exaltado concorreu para esta resolução a maneira como o governo do usurpador exercia o seu poder.

Apenas porém as tropas liberaes sob o commando do duque da Terceira entraram em Lisboa a 24 de julho de 1833, Feijóo, como todos os outros mancebos que frequentavam as escolas superiores, se apresentou ao novo governo para combater pela liberdade e legitimidade de D. Maria II.

Dando-se ordem para a organização dos batalhões nacionaes moveis e fixos, Feijóo alistou-se no 1.º movel a 5 de agosto d'esse anno, assistindo logo ás acções de 5 de setembro e 10 de outubro nas linhas de Lisboa, seguindo todos os movimentos e acções em que o exercito, de que fazia parte, entrou até á convenção de Evora Monte a 27 de maio de 1834. Durante esse periodo fôra promovido a tenente do referido batalhão, e em virtude das suas habilitações fôra n'esse posto transferido para o real corpo de engenheiros a 24 de março d'esse anno.

Antes d'isso, e tratando-se de dar regularidade aos estudos, que se achavam suspensos, tinha sido nomeado professor substituto da aula publica de architectura civil a 29 de agosto de 1833, de que logo a 20 de dezembro seguinte obteve a propriedade.

Finda a campanha, e aberta de novo a academia de fortificação foi a 16 de outubro de 1834, commissionado para o ensino da academia, e nomeado a 29 de agosto de 1835 substituto extraordinario de desenho da mesma academia.

Extincta a antiga academia e organisadas as escolas polytechnica e do exercito, em 1836, foi João Maria Feijóo, nomeado substituto das aulas theoreticas d'esta ultima a 30 de setembro d'esse anno, e definitivamente nomeado lente proprietario da cadeira de architectura civil, rios e canaes a 4 de fevereiro de 1837.

O serviço dos incendios em Lisboa era feito um pouco desordenadamente, e a primeira camara municipal d'ella, eleita depois da restauração e estabelecimento definitivo do systema liberal, havia nomeado inspector dos fogos a 18 de março de 1834 o engenheiro Francisco Pedro de Arbués Moreira, e a 14 de junho immediato o engenheiro Francisco Ignacio Mendes.

Não sabemos o motivo porque este deixou o cargo, mas o que sabemos é que em maio de 1836 a camara solicitava do governo auctorisação, para nomear para aquelle cargo o tenente de engenheiros e professor João Maria Feijóo, e que antes mesmo da permissão do governo, que foi dada a 2 de julho, a camara em sessão de 30 de junho, lavrava a exoneração do engenheiro Mendes, ordenando-lhe que entregasse tudo o que pertencia áquella inspecção, ao novo inspector nomeado João Maria Feijóo. Era n'esse anno vereador do pelouro dos incendios João José Dias da Costa.

Mal havia tido tempo para tomar conhecimento

do importante encargo que lhe era commettido, quando um dos maiores incendios que Lisboa tem presenciado, se manifestava. Esse incendio foi o do antigo paço dos Estaos, convertido no seculo XVI em palacio da inquisição, e depois em palacio da Regencia, e onde se achavam os archivos de Thesouro e outras repartições, e em parte do qual foi depois construido o theatro de D. Maria II.

O fogo rebentára com violencia, e segundo a voz publica do tempo, fôra lançado de proposito, o que nunca se averiguou. Feijóo correu logo ao local do sinistro, e o primeiro serviço que ia prestar, ia-lhe custando caro, porque querendo á pressa e á paizana, atravessar o cordão das sentinellas, fôra repellido por uma d'estas, que á sua insistencia ia já responder com uma pranchada ou coronhada, quando felizmente foi visto por um official ou empregado, que, fazendo-o reconhecer como inspector, evitou que elle fosse maltratado.

Durante os quinze annos que Feijóo exerceu tão melindroso e espinhoso cargo, houve em Lisboa alguns dos incendios mais notaveis e vehementes de que ha memoria na cidade. Além d'aquelle, recordam-nos ainda os do antigo Collegio dos Nobres, vasta fogueira que levou a apagar alguns dias, o do Thesouro Velho, onde foram devorados os archivos da Casa de Bragança, e outros.

Feijóo tratou de aproveitar os elementos que achou organisados, introduzindo alguns, poucos, melhoramentos, porque n'aquelle tempo nem a politica, nem os recursos da camara permittiam prestar muita attenção a estes serviços.

Ao cabo de quinze annos de fadigas, foi Feijóo exonerado do seu cargo pela camara, o que deu lugar a uma troca de correspondencia entre esta e o governo. E diremos em poucas palavras o que deu origem a isto.

Feijóo, ao que parece, não considerava a camara com competencia para lhe dar alvitres ou ordens no serviço que lhe estava incumbido, e a camara começou a ver com maus olhos o procedimento do inspector. Este dirigiu ao governo uma exposição, indicando varias medidas que considerava necessarias para melhoramento do serviço dos incendios; mandada ouvir a tal respeito a camara, analysando a proposta, respondeu que alguns artigos já eram posturas municipaes, outros não tinham importancia, outros eram contra lei, e que o projecto era uma coisa desconnexa e não apresentava vantagem alguma pratica, e que a camara havia já nomeado uma commissão de tres dos seus membros e do engenheiro civil Joaquim Julio Pereira de Carvalho, para organizar um regulamento e propor tudo o que julgasse conveniente para aquelle importante assumpto. Isto era uma grosseria ou desconsideração praticada para com um homem que dirigia aquella repartição havia quinze annos e que era muito considerado pelos seus conhecimentos, talento e caracter.

Por esse tempo dera-se tambem um caso importante. O pagamento aos bombeiros andava muitissimo atrazado; estes instavam por elle, e é natural que Feijóo, que era muito estimado por elles, se interessasse a seu favor perante a camara. Não tendo porém havido resolução favoravel, os bombeiros dirigiram uma representação á camara e esta mandou-lhes satisfazer quatro dos mezes que estavam em atrazo. Não ficaram ainda contentes e pouco depois dirigiram uma nova representação e mais energica, em que diziam que se se lhes não pagasse todo o atrazado não acudiriam aos incendios. A camara, irritada por este procedimento, nomeou uma commissão para averiguar das causas que os tinham removido a dar semelhante passo. A commissão, ouvindo um por um, veio a conhecer que elles tinham mandado fazer o requerimento, mas que se resolviam a acudir aos fogos, e apenas demittiu um capataz que lhe respondeu com mais desabrimto.

Então a camara dirigiu uma representação ao governo, em que contava estes factos, accrescentando que, não obstante não ter provas, nem indícios de que taes actos fossem promovidos ou incitados pelo inspector João Maria Feijóo, tinha toda a razão para crer que se este os não havia promovido, elles se não dariam sem o seu conhecimento e acquiescencia e por isso o havia demittido do seu cargo.

O governo dirigiu então uma portaria á camara em 18 de novembro de 1851, extranhando aquella demissão, sem auctorisação do governo, visto a haver pedido para a sua nomeação, e dizendo-lhe que, sendo a accusação que se fazia a Feijóo tão grave, ou lhe fornecesse as provas para o poder mandar processar, ou então, não as havendo, devia restituil-o ao seu cargo.

A camara respondeu o que acima se diz, e que

não podia restituil-o por já haver provido o lugar em outro.

Effectivamente, em sessão de 4 de novembro de 1851, a camara havia nomeado Joaquim Julio Pereira de Carvalho, seu engenheiro, a fim de desempenhar *tudo aquillo que exigia o serviço da mesma*. Era este o mesmo engenheiro que a camara chamára em outubro para fazer parte da commissão atraz referida, e logo na sessão de 10 de novembro foi provido no lugar de inspector dos incendios, sendo exonerado Feijóo.

O governo no entanto tambem nomeára uma commissão para propor tudo o que julgasse conveniente á organização e melhoramento do serviço dos incendios, da qual fazia parte o engenheiro Feijóo; e a 27 de fevereiro de 1852 expedia á camara uma portaria fazendo-lhe saber que, não podendo fazerem-se arguições sem fundamento quando ellas importavam quebra no credito e honra de um funcionario, e sendo taes as que a camara fizera com relação ao engenheiro Feijóo, que só eram baseadas em supposições, ficasse entendendo que ellas não podiam affectar de maneira alguma o caracter e honra d'aquelle funcionario, e deviam ser consideradas como não tendo existido.

Eis em resumo o que se passou com relação á exoneração de Feijóo d'aquelle importante cargo, vendo-se de tudo isto que a camara desejava desfazer-se de um homem caprichoso e energico, e que não reconhecia a sua competencia, e ao mesmo tempo empregar outro individuo, aliás de merecimento. Era então vereador do pelouro dos incendios Bento José Teixeira Pena.

Para não interromper o que podemos averiguar com relação ao tempo que João Maria Feijóo serviu de inspector dos incendios, deixamos de parte outros actos da sua vida, durante esse periodo.

(Continua)

J. B.

O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 198)

III

O infante D. Francisco, negociante de carnes verdes, de sabões e de carvão

O infante D. Francisco vivia retirado ora em Samora Correia, ora em Salvaterra de Magos (1), e por isso muitas das suas ordens são datadas n'essas duas villas. Outras, e não poucas, o são do Paço da Côte Real. Era creador de gados e mandava tambem abater algumas rezes, que vendia a retalho nos açougues, de sua conta. Colhi esta informação na copia de uma carta do conde de Aveiras para o desembargador José Soares de Azevedo.

Diz assim:

«O serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, me ordena diga a v. m.ª que presentemente mandou vir alguns gados das suas vaccarias que tem nos districtos de Samora Correia e Salvaterra de Magos para haverem de cortar-se nos açougues d'esta côte, dos quaes chegaram já hontem alguns, e o resto estarão aqui amanhã sexta feira até sabbado, para o que sempre serão necessarios os talhos 10 e 11. E assim terá s. a. a bom serviço que v. m.ª ordene ao juiz dos açougues lhe mande dar os sobreditos talhos para o ministerio que se pondera. Deus guarde a v. m.ª muitos annos. Paço da Côte Real, a 1 de agosto de 1726. — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Sr. desembargador José Soares de Azevedo.»

Este negocio, porém, não era muito importante, porque n'uma carta do conde de Aveiras ao almoxarife da Casa das Carnes, Antonio do Rego Alpoem, de 6 de novembro, diz-se que — *n'estes annos tem mandado alli cortar-se umas cento e duas rezes e duas vitellas* — pertencentes ao infante.

D. Francisco tambem negociava em sabão; não digo bem, fazia melhor do que isso. Por alvará de doação de juro e herdade, pertenciam ao infante as saboarias da cidade do Porto, villas e logares das comarcas de Traz-os-Montes e entre Douro e Minho, e sua alteza tinha o monopolio da venda do sabão branco e preto alli fabricado. Mas em Bragança e Chaves, terras visinhas de Hes-

(1) Quadro Elem. t. v, intr. pag. CCXXI, nota.

panha, entrava muito sabão por contrabando; e o infante, prejudicado nos lucros do seu commercio, recorreu n'este anno á junta da casa de Bragança e aos juizes de fóra d'aquellas duas comarcas, como se mostra dos documentos seguintes:

Registo de uma provisão da junta da casa de Bragança para o juiz de fóra d'aquella cidade sobre se vedarem os sabões castelhanos.

«Dom João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, como administrador da pessoa e bens do principe dom José, meu sobre todos muito amado e presado filho, duque de Bragança e principe do Brazil, etc. Faça saber a vós juiz de fóra da cidade de Bragança que o procurador da fazenda da casa do Infantado me representou que por alvará de doação de juro e herdade pertencem ao infante D. Francisco, meu muito amado e presado irmão, as saboarias de sabão branco e preto da cidade do Porto, villas e logares das comarcas de Traz-os-Montes e entre Douro e Minho, e em todas estas provincias se está vendendo um e outro sabão, e as principaes terras em que ha maior consumo é n'essa cidade e na villa de Chaves, nas quaes, supposto se vende já sabão branco, se não tem erigido estancos com aquella abundancia e estabilidade necessaria para provimento d'ellas; e vendo o mais de que fez menção a resposta do procurador da fazenda do estado de Bragança, a quem foi dada vista: hei por bem ordenar-vos deis ao administrador da saboaria toda a ajuda e favor necessario, deferindo-lhe aos seus requerimentos, principalmente sendo isto em utilidade publica, e sendo este sabão o melhor e mais barato do que aquelle que occultamente se introduz de Castella: o que tambem é justo observeis por ser tambem prohibida esta introdução, e em prejuizo das doações referidas, fazendo estabelecer os estancos, em fórma que se conservem: el-rei nosso senhor o mandou pelo desembargador João Pedro de Lemos, e o deputado Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, ambos ministros da junta do dito estado. Escripito em Lisboa Occidental, a 3 de junho de 1726 — Antonio Correia da França a fez escrever, e assignaram os doutores Belchior do Rego e Andrade, e Francisco Nunes Cardeal. — Belchior do Rego e Andrade — Francisco Nunes Cardeal.»

Segue outra provisão da mesma data, concebida nos termos da precedente, e dirigida ao juiz de fóra da villa de Chaves.

O infante mandou expedir esses diplomas aos dois magistrados de Bragança e de Chaves, com uma carta do teor seguinte:

«O serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, ordena se envie a v. m.ª a provisão inclusa da junta da casa de Bragança, pela qual haverá entendido a força e quebrantamento que se faz ás suas doações emquanto com os officiaes da camara d'essa mesma cidade não embarçam e vedam plenamente a introdução dos sabões de Castella, a cujo fim ordena se escreva tambem agora ao juiz da alfandega, e quando a este respeito haja precedido em contrario algum alvará de Sua Magestade, que nunca póde ter cumprimento por ser alcançado obrepticamente e em seu prejuizo, remetterá v. m.ª a copia ou de algumas das condições porque isto se acha concedido a quaesquer contractadores, e sempre s. a. espera que v. m.ª não só por virtude das doações que lhe serão bem manifestas, mas que igualmente em attenção ao seu serviço coopere n'estes particulares tudo o que puder ser conducente a elles, e á melhor e mais util administração que por este tal respeito se ha encarregado ao governador de Castro Laboreiro, Manuel Machado de Araujo, como já se escreveu a v. m.ª e tambem á camara pelo aviso de 30 de maio do anno proximo passado. — Deus guarde a v. m.ª muitos annos. Lisboa Occidental, a 23 de junho de 1726. — O conde de Aveiras, D. Duarte. — Sr. juiz de fóra da cidade de Bragança (da villa de Chaves).»

Póde tambem affirmar-se que o infante encontrava outras difficuldades, não menos serias, na venda dos seus sabões, as quaes dimanavam da repugnancia que tinham em compral-os os moradores de Chaves e de Bragança, como se mostra do seguinte trecho de uma carta do conde de Aveiras para o governador de Castro Laboreiro, Manuel Machado de Araujo:

«O serenissimo senhor infante D. Francisco, que Deus guarde, ordena se diga a v. m.ª lhe não sido presentes todas as suas cartas remettidas por via de seu sobrinho o padre João Barbeyto Padrao, ponderando-se ao dito senhor os altos e baixos de que v. m.ª se queixa, e os que diz experimenta pela expedição e negociação dos sabões n'essa provincia, e com especialidade a repugnancia que mostram quasi todos os moradores de Chaves e ainda alguns dos da cidade de

Bragança. Ao que attendendo, manda s. a. se inteire e certifique a v. m.ª de que com brevidade se metterá uma petição no Desembargo do Paço para se encaminhar e defender a intrancia e os despachos tão furtivos e escandalosos dos sabões castelhanos, e que no entanto deve v. m.ª ir adiantando e não affrouxar de alguma sorte na venda dos que tem a seu cargo, como melhor lhe fôr possível», etc.

(Continúa)

Alberto Telles.

NOSSO COMPADRE DIABO

(Continuado do n.º 199)

II

Era noite, frei Braz promettera ceiar com a mulher do almocreve. Gallinha ao lume, lombro no espeto, arroz de presunto — e com respeito á pinga, bom vinho vermelho e velho, enchendo uma borchacha mais emphatica que a pansa do guardião.

Assim o fauno rejubilava, pensando na frescata! Inda bem não tinha anoitecido, já os fradinhos á sucapa, navalha pendente do roziario, deixavam o convento em direitura á aldeia, escamujando-se lestos ao longo dos muros, pulando paredes da cerca, e cortando os favaes e os trigos para evitar os caminhos, afim que ninguém os lobrigasse. É n'esse tempo que as laranjas são doces e o vinho novo começa a saber bem. E vae elles por essas adegas, nos fornos de pão, á chaminé das boas comadres, patuscavam de pernas nuas, sandalias descalças, arregaçando os habitos constellados de molho. Costumava frei Braz accender luz muito cedo, pôr-se em joelhos junto da fresta gradeada, defronte de um retabulo de S. Christovam, para ser bem visto n'aquella implorativa attitudo, pelos que se abalavam a mundanar no povoado.

— Lá nos está o santinho remindo as almas da culpa! diziam compungidamente os noviços prendendo as borchachas ao cinturão. Noite fechada, depois do refeitório, apenas os invalidos resonavam nas celas; frei Braz despiu os habitos, trajou-se de labrego com sua grande barba de crina, e elle ahí vae todo lavadinho de peccados, ceiar com a madama, tendo carta branca para grande copia de maganices. Mas já Satanaz de sobreaviso, podera convocar os seus demonios subalternos. E o santinho curvado entre as arvores ouvia espirros de troca na passagem.

— Lá vae frade! diziam roufenhas vozes por cima das oliveiras. Bocas errantes cuspiam-lhe a bemaventurada careca. Nos corcovos das varedas, grandes barrigas abstractas davam-lhe pansadas achatadoras. — Lá vae frade! — Lá vae frade! — Havia dentuças brancas que lhe vinham rir, espendurados nos galhos das estevas; mãos que o beliscavam; olhos que o iam seguindo. Então o desgraçado voltava-se: era uma confusão de pedadillos, subindo, descendo, alargando as azas de morcego, por traz d'elle neblinas funebres que rastejavam supplicando, um raio de luar, embyoões de famas extinctas... Á porta do cemiterio, um esqueleto pediu-lhe lume, dizendo-lhe para ajudar á missa de finados que um mocho se dispunha a celebrar. Ia fugir, vé de repente todo o caminho coberto de sapos gigantescos marchando em pelotões, de calça branca, casaca verde e tricorne.

— Lá vae frade! Lá vae frade!
Tinha porém chegado, e a ceia bem gorda o reconfortaria d'aquelles pavores incoherentes. — Medonha jornada! pensava elle todo encolhido. Avisinha-se da casinhola do almocreve; viu a porta aberta, luzes acesas, grande bailarico lá dentro... — Ora esta! A velhaca enganou-me!

Inda quiz entrar, para vér. Qual entrar! tanta era a gente que sobrava pelas escaleiras da porta. E pandeiretas, rizadas, cantoria... Que fazer? Virou ao convento n'uma raiva branca de escarnecido.

— Eu te juro que me não enganas mais. A desavergonhada! Mangar assim com as coizas de Deus! Mas ao outro dia, ainda matinas, a mulher do almocreve que penetra a alpendroada do conventinho, afim de se confessar a frei Braz.

— Ah grandecissima desavergonhada! disse o santo, fuzilando uma cholera nas pupillas.

— Capaz estou eu de morrer, senhor padre, acudiu ella muito escandalizada. Arranjar eu ceia, esperal-o até deshoras, e vossa Reverendissima sem apparecer! Ah, sempre sou bem infeliz!

— Sem apparecer, sem apparecer! Para que vem você agora mentir? Se preparou a ceia, á minha custa, foi para se regalar com a gentana que bailava em sua casa. Mas tolo fui eu. Devia saber!

(Continúa)

Fialho d'Almeida

RESENHA NOTICIOSA

GRÃO VASCO. Em uma freguezia de uma das illhas dos Açores, ao desembaraçar uma capella para reparos, limpando-se uns quadros, encontrou-se um, que se diz ser de Grão Vasco, o que é muito notavel e singular.

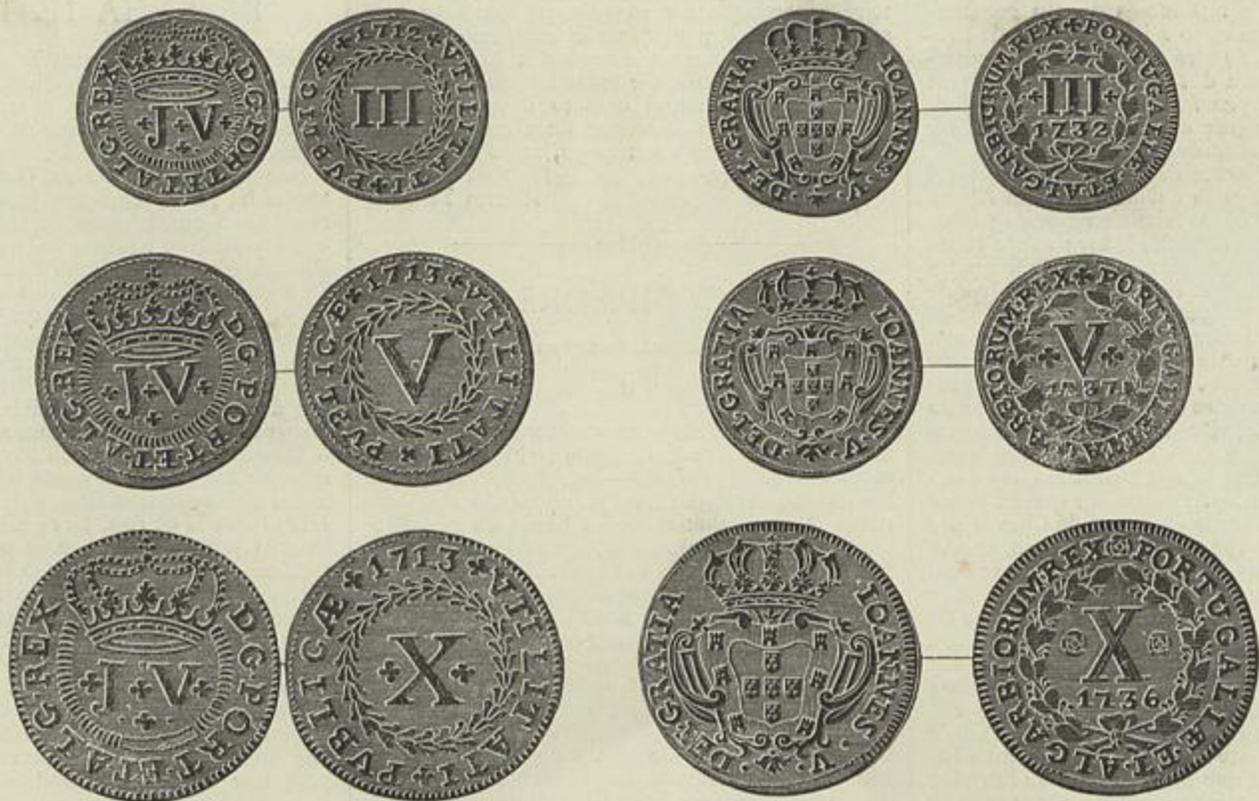
RAPIDEZ EXTRAORDINARIA. O governo inglez contratou ha pouco com um grupo de empreiteiros reunidos a construção de um caminho de ferro entre Suakim e Kartum nas mais notaveis condições. A extensão da linha é de 420 kilometros ou 80 leguas e 2 kilometros, distancia proximamente igual á que vae de Lisboa a Vianna do Castello (Minho), devendo estar construida dentro de 80 dias, isto é em dois mezes e vinte dias, regulando o trabalho a uma legua por dia! O governo inglez pôe á disposição dos empreiteiros o exercito egypcio, para o serviço da construção e paga áquelles o trabalho feito a seis mil libras ou 27 contos de réis por kilometro. O custo total para o governo inglez d'esta pequena linha é de 2.520:000 libras ou 11:340 contos de réis. Deve ter começado a construção por estes dias, e se não houver contratempos, em vista do estado irregular em que se encontra aquelle paiz, é o maior exemplo de rapidez de construção de que ha memoria. Um dos empreiteiros dizia-nos ha dias que não teria grande difficuldade em construir o caminho de ferro de Lisboa a Cintra em 25 ou 30 dias.

AVISO AOS Mergulhadores. Pelo ministerio da marinha de França foi expedida uma circular aos *prefeitos* (chefes de departamento) *maritimos*, para que estes recommendem a maior prudencia aos individuos que descem a grandes profundidades, protegidos pelos escaphandros. Tem mostrado a experiencia que se não póde descer a mais de sessenta metros sem haver risco de graves accidentes, e é necessario subir com bastante lentição para evitar casos em que se póde dar a paralytia das pernas e muitas vezes a morte. É assente que para se voltar a cima, da profundidade de quarenta metros, se deve gastar oitenta minutos.

TOURADAS. A proposito d'estes divertimentos publicos que se tem querido realisar em algumas partes da França e o governo prohibiu, não se julgue que aquella nação accitou com satisfação a medida governativa. Lá como cá ha opiniões encontradas, sendo certo que a maior parte dos francezes que accidental ou permanentemente residem em Lisboa não deixam de frequentar aquelles espectaculos. Este assumpto tem sido pois objecto de grande controversia e discussão, na imprensa d'aquella paiz, nomeadamente em Nimes. N'esta cidade não se ficaram só na discussão, mas houve ha pouco uma grande reunião publica afim de se protestar contra a circular do governo que prohibe este divertimento, e o proprio prefeito do departamento partira para Paris, afim de apresentar ao governo o protesto e conferenciar com elle, e dizia-se que um deputado falaria nas camaras francezas sobre o assumpto. Já entre nós, tal prohibição, foi a principal causa da queda de um ministerio, e o que é certo é que os francezes que assistem a este spectaculo em Portugal, o acham mais um exercicio de destreza e arte, do que um divertimento barbaro e repugnante, como classificam o que se pratica em Hespanha.

CURA DA RAIVA OU HYDROPHOBIA. Ainda ha poucos dias falleceu no nosso hospital de S. José, em Lisboa, um individuo atacado d'esta terrivel enfermidade, e por isso deve-nos causar profunda satisfação, a noticia de que o celebre chimico francez, o sr. Pasteur, tem descoberto um remedio para a cura d'esta enfermidade. O assumpto é tão grave, e o illustre sabio tão consciencioso, que por em quanto não ousou tentar a applicação do remedio, que é a inoculação, em nenhum ser humano, por não estar decididamente convencido da sua efficacia. Por em quanto tem limitado as experiencias á inoculação em gatos, coelhos, gallinhas, macacos, e até em vacas, e parece certo que o resultado é satisfatorio. Se Pasteur chega a resolver por aquelle simples meio, a cura ou preservação de tão fatal doença, o seu nome ficará inscripto nos annaes da humanidade a par do famoso Jenner, o descobridor da vaccina.

EPIDEMIAS. Os periodicos diarios teem-se encarregado de trazer o publico em dia com o estado da terrivel epidemia do cholera, que se manifestou em Toulon e Marselha. Por emquanto não se póde assegurar, nem que a epidemia se tenha desenvolvido com grande pujança, nem que se tenha limitado muito. O numero de casos fataes não tem augmentado, sendo de presumir que a epidemia se localise, e não progrida. O que porém é decidido, é ser o cholera asiatico, e tomarem to-



MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. JOÃO V, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

dos os paizes precauções contra a sua invasão. A febre amarella tambem faz destroços no Brazil e Serra Leoa, e já em Bordeus falleceram dois atacados d'ella, que parecem ser os doentes que um paquete francez trazia a bordo. Tomam-se precauções contra ella, e oxalá Deus nos preserve de hospedes tão incommodos.

EPIDEMIA TERRIVEL. Alguns jornaes de Berlim asseguram que por noticias recebidas de Teheran (Persia) constava que na margem direita do Tigre, perto de Bagdad, se havia manifestado uma epidemia que mata em poucas horas. Na Allemanha supunha-se ser esta doença uma peste de tumores malignos, que já ha muito tempo grassa pelo imperio turco, cujo governo a tem pretendido occultar. Venha mais esse flagello, para acrescentar aos mais que amofinam a humanidade.

INSUBORDINAÇÃO. Lavra ha muito este perniciosissimo mal no exercito da França, e os tribunaes militares d'este paiz nos ultimos tempos tem pronunciado muitas sentenças de morte contra soldados culpados, nomeadamente pelo crime de insubordinação, passando a vias de facto contra os seus superiores. Estes casos, felizmente, são raros no nosso paiz, e quando se dão, causam indignação geral, sem que comtudo a opinião publica se manifeste a favor da sentença de morte. Que dizem a isto os defensores e partidarios d'aquella republica?

O TERCEIRO PRECEITO DO DECALOGO. Não ha contraste maior do que o que se dá entre o respeito que os governos protestantes prestam aos preceitos religiosos, que em grande parte são hygienicos, e o desprezo que em alguns paizes catholicos, principalmente nas grandes cidades do nosso, se tem por aquelles preceitos. E isto não succede só no continente, mas ainda nas colonias. Um madeirense, o sr. Alexandre A. d'Andrade, foi condemnado ha pouco em Demerara a pagar a multa de 30\$000 réis, por os seus empregados venderem ao domingo no seu estabelecimento de grog-shop em Regent-Street Lacytown. Comparem este rigor com o que se faz por ahi.

CANHÃO DE GROSSO CALIBRE. Procedeu-se no Havre ultimamente a experiencias com um canhão d'esta qualidade, mandado construir pelo governo francez. O canhão, depois de ter feito fogo com 35 e 45 kilogrammas de polvora, durante alguns dias, chegou a disparar quatro tiros com a carga de 55 kilogrammas, mas ao quinto tiro rebentou. A culatra recuou, indo enterrar-se a dois metros de profundidade, e a outra parte, saindo do parapeito como uma setta, foi cair na praia, quinze metros inferior. O soldado que fez fogo ficou bastante queimado no rosto, corpo e principalmente na perna direita, e uma senhora que passava de trem a alguma distancia, foi ligeiramente ferida por algum cascalho que a explosão fez levantar.

Por isso no nosso paiz se não fazem experiencias e as peças dormem tranquillias nos seus reparos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O FUNDO DO MAR, por L. Sonrel, versão de J. D. Moreira de Sousa. Obra illustrada de 93 gravuras. Porto Magalhães e Moniz, editores, 12, Largo dos Layos. — Pertence este volume á collecção intitulada: *Bibliotheca das maravilhas*. É um estudo interessante, e de uma das partes do universo menos conhecida do vulgar da gente; a leitura d'este livrinho introduz o leitor como que em um mundo novo, variado e riquissimo, e lhe dá conhecimentos de cousas e factos admiraveis e uteis.

CATALOGO DE LIVROS ANTIGOS, e alguns muito raros, á venda na livraria de João Pereira da Silva, Rua dos Retrozeiros, 117 e 119. Typ. de Salles, rua das Parinhas, 1. — 8.º de 396 pag. com dois additamentos: um de livros de architectura, construção, caminhos de ferro, perspectiva, desenho, pintura, escultura; em portuguez, francez, inglez e italiano de 12 paginas; e outro de livros de agricultura e jardinagem, em portuguez, francez e hespanhol com 15 paginas, extrahidos do catalogo geral. Menciona o catalogo, além d'isso, muitos manuscriptos curiosos e importantes. O catalogo denuncia o estabelecimento do sr. Silva, como um dos mais vastos repositórios de obras portuguezas, antigas e modernas, algumas raras, os preços, porém, do catalogo são em geral bastante elevados. O sr. Silva vae completar o conhecimento da sua importante livraria pela publicação de catalogos dos livros hespanhoes, francezes, inglezes, italianos, allemães, hebraicos e gregos, e outros de varias especialidades.

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, directorio litterario scientificos, em Portugal: Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. *No Brazil,* Drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Svirlio Roméro. Lisboa, Nova Livraria Internacional, 96, rua do Arsenal, 1884. — É o n.º 4 do segundo anno, relativo a junho ultimo. Contém este fasciculo, *Historia de pedagogia em Portugal,* pelo sr. Theophilo Braga, *Projecto de organização de uma sociedade cooperativa de credito e seguros,* pelo sr. Oliveira Martins; *Oradores sagrados, poesia religiosa e patriotica* pelo sr. Svirlio Roméro; *A exposição agricola de Lisboa em 1884,* por Philippe de Figueiredo, *A esthetica do conselheiro* (conto) por J. Augusto Vieira. *Bibliographia,* Miragens seculares de Theophilo Braga, pelo P. M. Barreto;

Annari de la Associació d'excursions catalana, pelo sr. Teixeira Bastos.

LE MESSENGER D'OCCIDENT (*ancien Messenger de Vieme*), journal international, paraissant les mercredis et samedis, Rédaction et administration, rue Saint-Georges, 9, Paris. Este interessante periodico, cujo proprietario e director é o sr. B. Wolowski, muito conhecido entre nós, já tem publicados os tres primeiros numeros, no ultimo dos quaes vem já traduzidos os pseudo tratados celebrados pela *International africaine* no Congo, e os protestos que os nossos periodicos publicaram.

O INSTITUTO, revista scientifica e litteraria, volume xxxi — março de 1884. — Segunda serie, n.º 9. — Este fasciculo é todo dedicado á memoria do doutor Francisco de Castro Freire, o mathematico e poeta fallecido a 13 de março do corrente anno (vej. o nosso presente vol., pag. 99 e 100) comprehendendo uma poesia do sr. H. Faure — *A la memoire* de M. François de Castro Freire; um pequeno artigo commemorativo do sr. A. A. da Fonseca Pinto, e o restante é preenchido por alguns extractos das obras do fallecido doutor, sendo um d'elles: *A mathematica nas duas primeiras dynastias*, a poesia o *Alcyão do Cabo*, traducção da conhecida poesia de Pauline Flaugergues, cujo original se reproduz para comparação, e parte da traducção do opusculo de Lamartine, publicado no seu curso popular de litteratura, intitulado *Job*, que se ha de continuar. Esperamos da illustre redacção que se nos dê brevemente um estudo completo biographico, scientifico e litterario do illustre professor que o *Instituto* venerava como seu presidente.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes, um supplemento

Os Bois — Quadro de Silva Porto

O preço d'este supplemento avulso é de 400 réis, com o numero do OCCIDENTE 500 réis, só o numero 120 réis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.